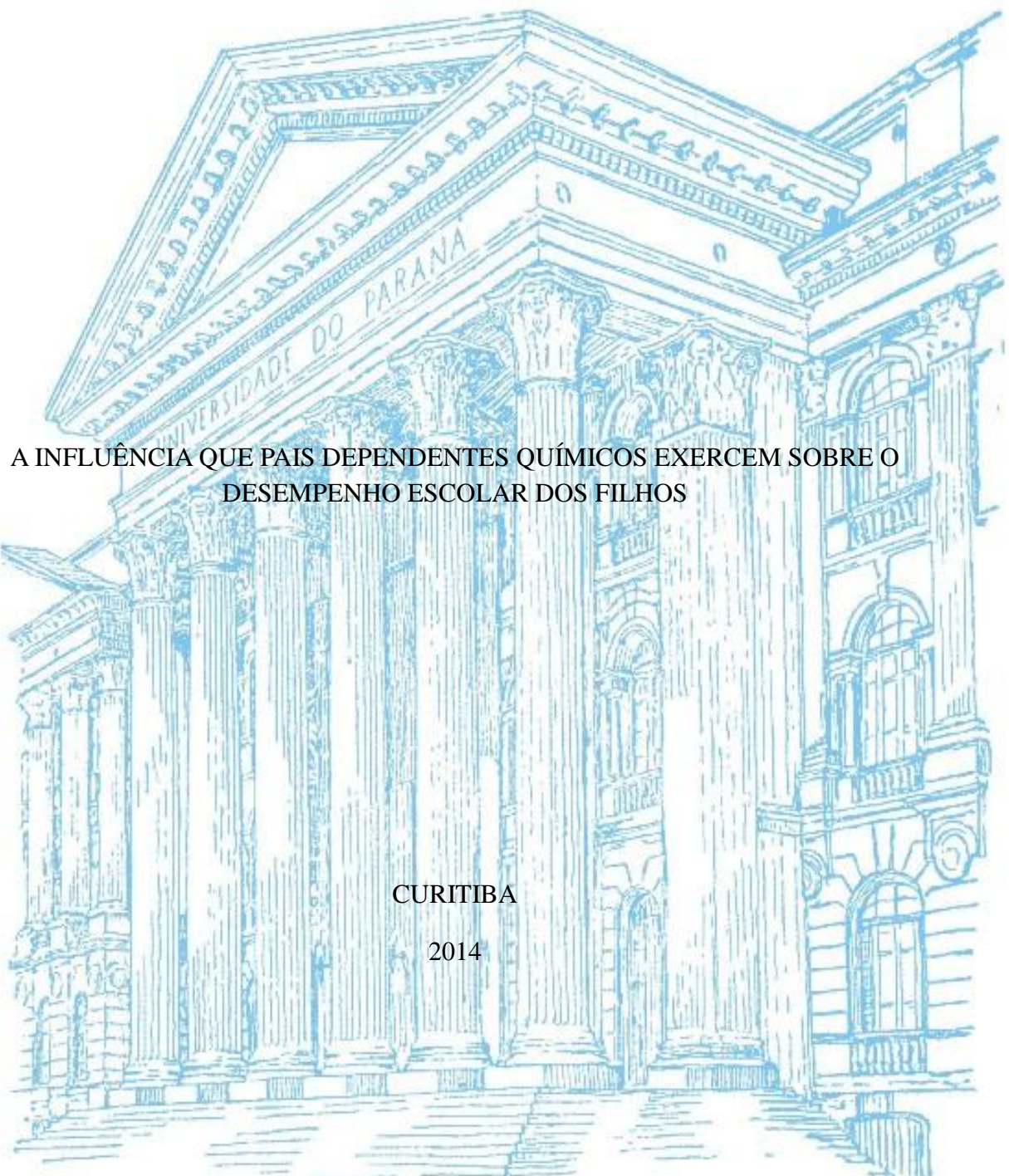


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SOLANGE APARECIDA FRACARI LINO

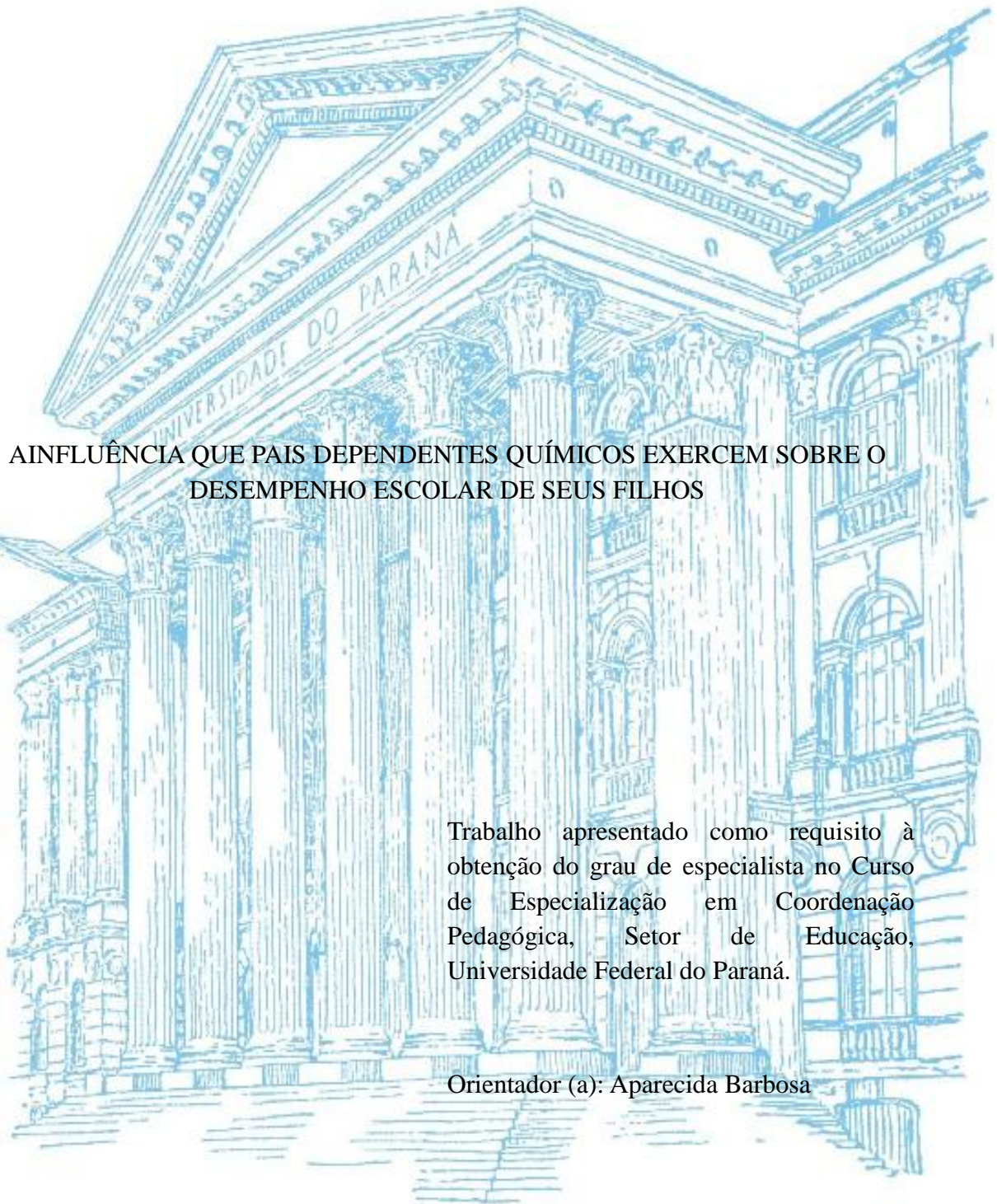


A INFLUÊNCIA QUE PAIS DEPENDENTES QUÍMICOS EXERCEM SOBRE O
DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS

CURITIBA

2014

SOLANGE APARECIDA FRACARI LINO



AINFLUÊNCIA QUE PAIS DEPENDENTES QUÍMICOS EXERCEM SOBRE O
DESEMPENHO ESCOLAR DE SEUS FILHOS

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso
de Especialização em Coordenação
Pedagógica, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Aparecida Barbosa

CURITIBA

2014

A INFLUÊNCIA QUE PAIS DEPENDENTES QUÍMICOS EXERCEM SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS

SOLANGE APARECIDA FRACARI LINO*

RESUMO

Este artigo aborda a influência que pais dependentes químicos exercem sobre o desempenho escolar de seus filhos. Os objetivos dessa investigação consistem em aprofundar o conhecimento sobre a dependência de substâncias psicoativas, sua influência na vida de crianças que vivem esse problema em seu contexto familiar e as consequências para sua vida escolar. Trata-se de um estudo teórico e prático, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo, através de entrevistas com professores, pedagogos, pais e avós de duas Instituições de Ensino, situadas no Bairro São Luiz do Município de Moreira Sales – Pr. O intuito é descobrir a porcentagem de crianças que passam por essa situação, levando os professores a refletirem sobre o problema e procurando metodologias alternativas para desenvolvê-las tanto no aspecto acadêmico quanto social. Fazendo um comparativo da literatura sobre o tema e a pesquisa realizada, nota-se que pais dependentes químicos, na maioria dos casos trás influências negativas para as crianças, afetando sua vida de uma forma geral.

PALAVRAS-CHAVE: Dependência Química, Drogadição, Desempenho Escolar, Família.

ABSTRACT

This article discusses the influence that parents have on addicts school performance of their children. The objectives of this research are to increase knowledge of dependency on psychoactive substances, their influence in the lives of children living this problem in their family context and the consequences for their school life. This is a theoretical and practical study with literature review and field research, through interviews with teachers, educators, parents and grandparents of two schools, located in the neighborhood of the city of Sao Luiz Moreira Sales - Pr The intent figure is the percentage of children who undergo this situation, leading teachers to reflect on the problem and looking for alternative methodologies to develop them both in academic and social aspect. Making a comparative literature on the subject and survey, we note that chemical dependent parents, in most cases back negative influences for children, affecting their life in general.

KEYWORDS: Addiction, Drug Addiction, School Performance, Family.

*Artigo produzido pela aluna Solange Aparecida Fracari Lino, do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Aparecida Barbosa. E-mail: cireis@ig.com.br.

1. Introdução

A dependência química hoje é uma realidade presente em muitos lares brasileiros e mundiais. O presente estudo tem por objeto investigar se pais dependentes químicos exercem influência na vida escolar de seus filhos.

De acordo com o Dr. Shirley de Campos “crescer em uma família que possui um dependente químico é sempre um desafio, principalmente quando falamos de contato direto de crianças e adolescentes com essa realidade. Filhos de dependentes químicos apresentam risco aumentado para transtornos psiquiátricos, desenvolvimento de problemas físico-emocionais e dificuldades escolares. Também apresentam maior probabilidade para serem dependentes e desenvolverem depressão, ansiedade, transtorno de conduta e fobia social”.

Trabalhando em duas escolas de periferia – um Centro de Educação Infantil e uma Escola de Ensino Fundamental, Anos Iniciais, localizadas no Bairro São Luiz de Moreira Sales – pude observar que alguns alunos não moram com seus pais. Geralmente avós ou tios tem a guarda da criança e são responsáveis por sua criação. Questionando sobre essa realidade, constatei que os pais são dependentes químicos não desempenhando seu papel de pais.

Assim, com essa pesquisa pretende-se descobrir a porcentagem de crianças que vivem nessa situação e até que ponto essa influência afeta o comportamento e o desempenho escolar de crianças oriundas dessas famílias.

Para o psiquiatra Danilo Baltieri “crianças que crescem em lares onde seus pais ou cuidadores regularmente usam drogas estão mais provavelmente em risco de demonstrar problemas com o aprendizado e dificuldades emocionais em termos de ajustamento social, controle emocional e do impulso” (BALTIERI – Pais dependentes químicos).

Na metodologia utilizou-se a revisão bibliográfica com estudos para aprofundamento sobre o tema, buscando referências de médicos, psicólogos, psiquiatras e educadores, complementada com a pesquisa de campo realizada com professores, pedagogos, pais e avós de ambas as Instituições envolvidas para a coleta de dados e o levantamento sobre os indicadores como: aprovação, reprovação, encaminhamento para

atendimento especializado como classe especial ou sala de recurso, obtido na secretaria da escola.

Na Educação Infantil a abordagem diz respeito às interações, observando se há diferenças entre crianças cujos pais não apresentam quadro de dependência e as que têm essa convivência. Já no Ensino Fundamental, o foco é o desempenho escolar, procurando analisar também se há diferenças entre essas duas realidades vividas pelas crianças, discutidas com cada professor.

Essas reflexões levam os professores a compreenderem melhor o processo de desenvolvimento global dessas crianças, incluindo seu comportamento, participação e desempenho.

A pesquisa se apresenta em três etapas, iniciando pelo estudo bibliográfico com conceituações, aspectos físicos, sociais e psicológicos dos dependentes químicos, suas causas e possíveis consequências para a vida do indivíduo e da família envolvida. Os autores pesquisados são da área da educação e saúde nas suas variadas especializações. Em seguida é apresentada a coleta de dados realizadas nas já citadas Instituições de ensino e finalizando com as conclusões do estudo.

2. Revisão Bibliográfica

2.1. A Dependência Química

Ao longo da existência humana, o homem sempre fez uso de substâncias psicoativas. Em cada época, as substâncias e os motivos para usá-las eram diversificados.

Para Bucher (1988) essa talvez seja uma das experiências básicas do ser humano, pois há muito o homem procura meios para fugir de sua condição natural cotidiana, empregando substâncias que aliviassem seus males ou que propiciassem prazer.

Para Silva (2.000) “o problema da dependência química é visto como resultado de uma falta de adaptação à realidade e uma ausência de habilidade do indivíduo em

lidar com o meio social, ou ainda de uma incapacidade de resolver problemas que a vida lhe apresenta”.

Na verdade, pessoas consomem substâncias psicoativas por diversas razões. Algumas o fazem em situações sociais, objetivando momentos de prazer e relaxamento. Outras o fazem para lidar com a infelicidade, problemas de autoestima ou mesmo para superar sentimentos de vergonha ou culpa. Outros usuários vivem em ambientes onde o consumo de substâncias é parte integrante da cultura. Outros, ainda, começam a usar por diversas razões e mantêm o uso porque não mais conseguem se desvencilhar dos sintomas advindos da abstinência. Sem falar de outras pessoas que fazem uso de substâncias para lidar com sintomas de outras doenças médicas, como depressão e ansiedade.

Consumir substâncias psicoativas pode significativamente afetar a saúde física e mental do usuário e das pessoas que convivem com ele. Dependendo da substância consumida, associada com a personalidade do usuário e com a junção de outros fatores, diferentes consequências nocivas podem surgir. Prejuízos na coordenação motora, no controle impulsivo, na memória e no comportamento são bastante preocupantes. É muito mais fácil correr um acidente doméstico, por exemplo, quando o pai tem feito uso de substâncias. Diante disso, a habilidade como pai ou mãe pode ser amplamente prejudicada, quando os mesmos estão fazendo uso de substâncias psicoativas.

Atualmente, dependência química, abuso de substâncias e drogadicção são alguns termos utilizados para denominar uma situação clínica bastante preocupante e, muitas vezes grave.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), droga corresponde a qualquer substância química ou mistura de substâncias que podem alterar a função biológica e, possivelmente sua estrutura (Galduróz, Noto & Carlini, 1997).

As drogas atuam diretamente no sistema nervoso central (SNC), podendo causar alterações comportamentais, de humor, de cognição e de percepção e, segundo seus mecanismos de atuação no SNC, podem ser classificadas em três categorias: (a) depressoras – provocam a redução da atividade cerebral, levando ao relaxamento; (b) estimulantes – provocam um aumento da atividade cerebral, fazendo com que o estado de vigília se prolongue; e (c) perturbadoras – perturbam a fisiologia do SNC, podendo provocar distorção das cores e formas, além de provocarem delírios, ilusões e alucinações (Galduróz, et al., 1997).

Além disso, as drogas possuem propriedades reforçadoras, podendo, portanto, levar a dependência. Para Barreto (2008):

As situações de dependência estão intimamente ligadas a problemas socioculturais que necessitam ser abordados não só como indicadores á dependência, mas como fatores importantes sinalizadores de crenças que necessitam de intervenções e que permanecem intocáveis diante das políticas públicas no Brasil. As drogas estão sendo vistas como uma alternativa de estresse e as frustrações, mas o olhar deve ser colocado no cerne do problema que é a questão que motiva o uso (BARRETO, 2008, p.293-304).

Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993), a característica marcante na Síndrome de Dependência é a presença de sintomas comportamentais, cognitivos e fisiológicos, indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar dos efeitos nocivos significativos relacionados a ela.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, 1994/2000), uma das definições para a dependência química é um padrão mal-adaptativo de uso de substância, levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativos.

A dependência química se caracteriza pela ausência do controle e da capacidade de discernimento sobre seus atos. Nesse sentido, para Silveira (2001)

“A maioria das pessoas que consomem bebidas alcoólicas não se tornam alcoólatras. Isso também é válido para grande parte de outras drogas. De maneira geral, as pessoas que experimentam drogas o fazem por curiosidade e as utilizam apenas uma vez ou outra (uso experimental). Muitas passam a usá-la de vez em quando, de maneira esporádica (uso ocasional), sem maiores consequências na maioria dos casos. Apenas um grupo menor passa a usar drogas de forma intensa, em geral quase todos os dias, com consequências danosas (dependência)’ (SILVEIRA, 2001, p. 15).

O grande problema é que não dá para saber, entre as pessoas que começam a usar drogas, quais serão apenas usuários experimentais, quais serão ocasionais e quais se tornarão dependentes.

É importante lembrar, porém, que o uso experimental, pode vir a produzir danos à saúde da pessoa. Para Drummond Filho e Drummond (1998):

Ao longo da convivência com a droga, o indivíduo estabelece com ela uma relação afetiva muito forte, pois substâncias químicas são muito sedutoras pelos efeitos físicos e psíquicos que proporcionam, mesmo que por pouco tempo. Está aí outro motivo pelo qual as pessoas deixam de lado todas as

desvantagens e consequências negativas posteriores ao uso para lembrar apenas das sensações positivas, das vantagens. Esse é um ponto que os dependentes se apegam para justificar o uso (DRUMMOND FILHO & H.C. DRUMMOND, 1998, p. 22-23).

Por isso, a OMS reconhece que a dependência química é uma doença progressiva, incurável e fatal. Ela, porém, é passível de tratamento. Age silenciosamente, debilitando a parte física, espiritual e emocional das pessoas. Têm como característica peculiar, alterar seus efeitos para toda a família.

A dependência química resulta de um desejo incomensurável de fugir ou experimentar algo não alcançável sem ela. Nesse estágio, a droga passa a ser imprescindível para o indivíduo, seja do ponto de vista físico ou psicológico. Assim, Filho (1999) aponta para uma série de características que norteiam esse tipo de doença.

Inicialmente ele defende que a dependência é uma doença do cérebro. Assim, percebe-se que a ideia difundida de que a pessoa se torna dependente porque quer, ou não se cura porque não quer, não passa de preconceito. De acordo com o autor, esta doença se manifesta na falta de controle, pelo usuário, de todos os seus atos e de sua capacidade de decisão. Essa ausência de controle e capacidade de decisão, em média, atinge 10% das pessoas que tem contato com algum tipo de droga. As demais, que são a grande maioria, fazem uso ocasional e não se tornam necessariamente dependentes químicos. Porém, isso não significa que não tenham graves conflitos emocionais e crises familiares. Além disso, são potenciais futuros dependentes químicos, logo, necessitam de apoio intensivo para evitar essa situação.

O uso indevido de drogas é fruto de uma multiplicidade de fatores. Nenhuma pessoa nasce predestinada a usar drogas ou se tornar dependente apenas por influência de amigos ou pela grande oferta do tráfico. Nós, seres humanos, por nossa humanidade e incompletude, buscamos elementos para aliviar dores e acirrar prazeres. Ainda de acordo com Filho (1999), esses fatores podem de natureza biológica, psicológica, social ou resultar de uma combinação destas. De acordo com autor, ela pode surgir de problemas emocionais (medo, ansiedade, etc.), crescer num ambiente hostil (famílias desintegradas, círculo de amigos drogados), agravar-se no consumo ocasional e depois sistemático de alguma droga leve e depois outra pesada e, no último estágio, desencadear no cérebro novos padrões de prazer que só a droga pode oferecer.

Filho (1999) afirma também que a dependência química é uma doença crônica, pode exigir tratamentos longos, e até, cuidados pelo resto da vida. Nesse contexto, é importante lembrar que doenças crônicas não são curadas, mas mantidas sob controle. Apesar disso, muitos ex-dependentes conseguem levar sua vida de uma forma muito saudável. Tudo depende da forma como for abordado o problema.

Existem fatores que convergem para a construção das circunstâncias do uso abusivo, chamados de fatores de risco. Também existem fatores que colaboram para que o indivíduo, mesmo tendo contato com a droga, tenha condição de se proteger. Esses são os fatores de proteção.

Portanto, fatores de risco são os que tornam a pessoa mais vulnerável a ter comportamentos que podem levar ao uso ou abuso de drogas e fatores de proteção são os que contrabalançam as vulnerabilidades para os comportamentos que levam ao uso ou abuso.

Mostra-se evidente a inter-relação e a interdependência existentes entre o usuário e o contexto que o circunda. Pensar nesta teia de vulnerabilidades e nos determinantes socioculturais em relação ao uso de drogas em uma sociedade, certamente amplia e torna mais complexa a abordagem desse fenômeno (Sodelli, 2006).

Os fatores de risco e de proteção podem estar:

- nos aspectos biológicos;
- na cadeia genética;
- nas peculiaridades das relações interpessoais;
- nas interações familiares;
- nas oportunidades de contato ou convivência com a droga;
- nas sensações provocadas pelo efeito obtido com o uso da droga e;
- na cultura que cada um vive, ou seja, na especificidade de cada indivíduo.

2.2. O Contexto Familiar e o Desempenho Escolar

Quando há um dependente na família, este exerce uma influência considerável sobre os outros membros, pois o ambiente familiar como um todo é afetado. Ou seja, toda a família “adoece”, pois os relacionamentos tornam-se difíceis e tensos, acabando com a harmonia no lar. Com isso, a família se desarticula e os valores familiares, humanos e morais perdem espaço para violências de toda ordem. Esse processo culmina com a separação dos pais, saída de casa dos filhos e do próprio dependente. Em outras palavras, resulta na desintegração total da família e da integridade humana e social de seus membros.

Sabemos que o grupo social mais importante é a família. Ela é o primeiro agente socializador a desenvolver os primeiros comportamentos e as primeiras interações entre o organismo e o meio, assim como transmitir normas e práticas culturais e a maneira de vivenciá-las.

Lahire (2008) e Charlot (2000) constataam que a família tem uma grande responsabilidade na formação e desenvolvimento do filho, pois são eles que acompanham toda a história desses indivíduos, suas primeiras experiências de vida, por exemplo, são adquiridas na família. Nesse sentido, é inegável, segundo esses autores, a contribuição dos pais para o desenvolvimento humano, seja para o sucesso ou para o fracasso escolar dos filhos.

Desta forma, através da influência recíproca entre um membro e outro, em que tanto um quanto o outro pode funcionar como “ambiente”, é que os comportamentos infantis são modelados e, ao mesmo tempo, modelam o comportamento dos outros membros da família (BIJOU & BAER, 1980).

Segundo Carvalho e Almeida (2003), a família é responsável não apenas pela sobrevivência dos indivíduos, mas também pela socialização de seus componentes e pela “transmissão de normas culturais”. Ela representa uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade e opera como um espaço de produção e transmissão de práticas culturais.

Gokhale (1980) relata que:

“a família não é apenas o berço da cultura é a base para um futuro melhor, também é o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança no ambiente familiar é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a

influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas”.

Assim, a família, mais especificamente os pais (ou aqueles que assumem essa tarefa), seriam agentes de socialização dos filhos, direcionando seus comportamentos para que se tornem independentes, autônomos e responsáveis, e se esforcem para diminuir comportamentos indesejáveis (GOMIDE, 2003).

Segundo Kaloustian (1998),

“A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar de seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também no seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observadas valores culturais”.

Para Alexis Nicolas, os efeitos negativos do abuso de drogas dos pais podem começar antes do nascimento. Exposição pré-natal às drogas tem sido associada a transtornos de desenvolvimento, morte infantil, aborto espontâneo, parto prematuro, dificuldades de aprendizagem e ainda uma variedade de problemas mentais e psicológicos na criança. As crianças que tem pais dependentes de drogas podem ter problemas relacionados com a saúde e podem sofrer lesões causadas por acidentes.

Ainda para este autor, o abuso de drogas por parte dos pais prejudica o crescimento das crianças. Elas podem demonstrar baixa autoestima, atitudes perturbadoras, problemas de comportamento, depressão e ansiedade. Experiências traumáticas de pais viciados podem prejudicar seu desenvolvimento social, emocional e comportamental. Eles podem separar-se de seus pais e de seus pares, que podem levar a dificuldades com interações sociais.

De acordo com a psicopedagoga Jaqueline Leandra:

Pais que tem vícios e praticam perto de seus filhos, o estão conduzindo a ter o mesmo comportamento. Os pais usuários de drogas fazem muito mais do que gerar filhos tóxico-dependentes. Os bebês podem nascer com peso inferior ao normal e no caso das drogas mais pesadas, sofrer convulsões ou apresentar quadros de lesões neurológicas muito sérias. Filhos que consomem drogas, muitas vezes, foram induzidos para esse consumo pela dependência dos pais. Eles sofrem uma pré-disposição que contraíram no lar (JAQUELINE

Além do exemplo negativo a que os filhos estão expostos, ainda há a genética dos pais que podem influenciar a dependência nos filhos futuramente.

Segundo a Doutora Monica Zilberman (2009):

A genética influência na dependência. É um transtorno chamado multifatorial, o que significa que envolve tanto os fatores genéticos (hereditários) quanto ambientais (os modelos aprendidos ao longo da vida). Filhos de pais dependentes químicos têm risco aumentado de desenvolver quadros de abuso e dependência de substâncias. É por isso que em certas famílias encontramos vários indivíduos com dependência. Como outros fatores individuais também estão envolvidos, nem sempre filhos de dependentes químicos vão desenvolver quadros de dependência, mas é importante estar alerta já que seu risco é naturalmente maior que o dos outros indivíduos (ZILBERMAN, 2009).

Para Halpern (2002, p. 120), na maioria das vezes, os filhos sofrem com uma interação familiar negativa e um empobrecimento na solução de problemas, uma vez que essas famílias são consideradas desorganizadas e disfuncionais.

Blefari (2002) comenta que o indivíduo que cresce em um ambiente familiar sem amor, sem limites, sem atenção pode tornar-se um sujeito sem estrutura emocional para lidar com os problemas que vão surgindo em sua vida e, muitas vezes, acaba tornando-se usuário de drogas.

Para o psiquiatra e pesquisador Danilo Baltieri, quando os genitores demonstram problemas com o consumo de substâncias psicoativas, várias funções e estruturas familiares são perturbadas, por exemplo:

- a) Papéis: à medida que o pai ou a mãe demonstra problemas com o uso de drogas, outros membros da família, inclusive os próprios filhos, acabam por assumir papel dos genitores. Como disciplina, finanças, compras e manutenção da higiene do lar.
- b) Rotinas: quando o genitor consome frequentemente e inadequadamente substâncias psicoativas, seu comportamento torna-se imprevisível para os demais membros familiares e algumas tarefas deixam de ser realizadas causando preocupação dos outros.

- c) Comunicação: as mensagens verbais e não verbais emitidas pelos genitores dependentes químicos acabam por serem mal interpretados pelos demais membros ou mesmo ameaçadoras, o que torna a convivência ainda mais insuportável.
- d) Vida social: familiares de genitores dependentes químicos acabam se tornando cada vez mais isolados de outras pessoas, não apenas devido à dificuldade em explicar determinados comportamentos embaraçosos como também pela dificuldade dos membros familiares em contar aos outros que o pai ou a mãe tem problemas com drogas.
- e) Finanças: um declínio financeiro é esperado no contexto de genitores, usuários de substâncias. Muitas vezes o pai gasta o salário com álcool e drogas, em detrimento das necessidades básicas dos filhos.
- f) Relacionamentos intrafamiliares: episódios de violência, negligência e abuso são altamente prevalentes em famílias onde os genitores são dependentes químicos.

Ainda, segundo Baltieri, as crianças costumam ter experiências bastante negativas, quando os genitores têm problemas com o uso de substâncias, como, por exemplo:

- a) Vivência em ambientes violentos.
- b) Experiências de abuso e negligência.
- c) Sentimentos negativos, tais como, vergonha, culpa, medo e raiva.
- d) Prejuízos no desenvolvimento neuropsicomotor.
- e) Isolamento social.
- f) Dificuldades emocionais e de controle impulsivo.
- g) Mau desempenho escolar.

Para Alexis Nicolas, crianças cujos pais tomam drogas ilegais, muitas vezes perdem o interesse na escola. Falta de orientação dos pais e exposição à violência pode criar distúrbios psicológicos que afetam o desempenho escolar.

Crianças que vivem essa realidade podem apresentar déficits no aspecto cognitivo, na concretude do pensamento, ter a capacidade de imaginação rebaixada associada à apatia e privação de estimulação durante o desenvolvimento.

Uma pesquisa realizada com 682 adolescentes (de 10 a 20 anos), pacientes de cinco Instituições de Tratamento de Dependentes em Curitiba (2002), através de seus prontuários, verificou-se que no tocante a família, entre os adolescentes internados a ocorrência de pais apresentando história de alcoolismo é de 73,7%, história de drogas entre os irmãos é de 48% e entre pais de 8% e de mães 5,3%. Mais da metade dos adolescentes abandonou a escola e há um grande número dentre eles que apresentam atraso escolar observado pela defasagem série/idade. (ALVES & KOSSOBUDZKY, 2002).

Estes resultados remetem ao pressuposto de que a influência parental e/ou genética parece ser considerável na adoção de um comportamento determinado diante das drogas. É conhecido o fato de que fatores interpessoais, comportamento da família, relacionamento com os pais, estrutura familiar, influência dos pares podem determinar maior e menor vulnerabilidade para o consumo de drogas por adolescentes.

Um estudo realizado pela Fundação Osvaldo Cruz (Brasil), Universidade do País Basco (Espanha) e Universidade de Los Andes (Colômbia) revelaram que a tendência ao vício na adolescência está intimamente relacionada ao papel da família, ou seja, a qualidade de vida familiar é que estabelece o comportamento do jovem frente as substâncias psicoativas. Os lares onde há familiares drogados são marcados pela falta de apoio mútuo, de espaço para expressão de sentimentos, além de existirem menos interesses em comum, aumentando assim a probabilidade dos filhos futuramente serem usuários também (DIEGUEZ, 2002).

3. Análise das Informações

A metodologia utilizada na coleta de dados foi a entrevista. Inicialmente foi feita com todos os professores das Instituições envolvidas para levantar informações sobre o número de alunos por sala, quantos alunos vivem a realidade da dependência química na família e o comportamento e desenvolvimento dessas crianças no cotidiano escolar. A maioria dos professores é do quadro fixo das escolas, já trabalham há bastante tempo e conhecem razoavelmente a vida dos alunos. Aqueles alunos, cujos professores não

tinham certeza, foram chamados os pais ou avós para proceder à entrevista e obter dados mais seguros. A entrevista com os professores foi realizada de forma individual no momento da hora-atividade de cada um e a entrevista com os familiares também ocorreu de forma individual no dia da reunião de pais, o qual havia sido definido previamente aqueles que seriam chamados para resolver as dúvidas. Houve uma boa colaboração de todos os envolvidos. As crianças, por serem menores, não foram abordadas e as informações foram coletadas somente com a participação dos adultos.

As informações foram compiladas em tabelas e calculadas em percentual de acordo com as perguntas dirigidas aos entrevistados. Na educação infantil foram 123 crianças pesquisadas e 226 nos anos iniciais do ensino fundamental, conforme tabela abaixo:

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Turmas	Total de Alunos	Tem pais Dependentes	Mora com Parentes
Berçário	25	01	00
Maternal I	22	02	00
Maternal II	27	02	02
Pré I	25	03	01
Pré II	24	04	03
Total	123	12	08

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Turmas	Total de Alunos	Tem Pais Dependentes	Mora com Parentes
1º Ano	29	01	01
2º Ano	43	01	00
3º Ano	57	04	02

4º Ano	35	03	01
5º Ano	54	02	02
Classe Especial	08	01	01
Total	226	12	07

De acordo com os dados obtidos verificou-se que no CMEI 9,75% das crianças convivem com a dependência química dos pais e 6,50% moram com avós ou tios.

Na Escola de Ensino Fundamental são 5,30% de crianças que tem pais dependentes e 3,09% moram com outros parentes. Todas as crianças que residem com parentes são decorrentes da dependência química dos pais que já não se encontram mais em condições de realizarem seu papel de genitores. Muitas delas não possuem pai e mãe, por motivos de separação ou mesmo porque os pais não assumiram os filhos, assim as crianças já ficam sob a responsabilidade dos avós ou outros parentes desde pequenas. No geral, há dois casos em que a mãe faleceu de overdose, uma se suicidou e um caso em que o pai está preso por ser traficante e usuário.

Como vimos na revisão bibliográfica, nem todas as pessoas usuárias de drogas desenvolvem a dependência. A maioria usa apenas ocasionalmente e não chega a ter problemas sérios ou que afetem sua vida de uma forma geral. De acordo com as diversas pesquisas já realizadas, 10% desenvolvem a dependência causando grandes transtornos na saúde, na vida familiar e social. Assim, crianças oriundas dessas famílias merecem uma atenção especial durante todo o seu desenvolvimento já que carregam consigo uma probabilidade maior de serem dependentes no futuro, devido a carga genética e o meio em que vivem.

Nas conversas realizadas com as professoras, pedagogas, avós e também mães percebe-se que a grande maioria dessas crianças tem um comportamento diferenciado das crianças que não convivem com esta realidade. Apresentam-se mais agressivas, agitadas e outras ainda completamente apáticas. Geralmente apresentam o mesmo comportamento tanto em casa quanto na escola. Seu interesse pelos estudos geralmente é diminuído e a dificuldade de aprendizagem é notória.

Na Educação Infantil, de acordo com as professoras, essas crianças geralmente são mais inquietas, tem maior dificuldade de concentração para realizar atividades e participar de brincadeiras quando comparadas às outras crianças. É necessária sempre a intervenção do professor para que elas se adaptem às regras e interajam de forma natural com os colegas. E quanto às avós ou parentes que cuidam da criança, a queixa é a mesma: inquietas e desconcentradas.

Na Escola de Ensino Fundamental, dos doze alunos com pais dependentes, de acordo com os dados colhidos na Secretaria, mostram que quatro já foram retidos, dois frequentam a Classe Especial, um frequenta a Sala de Recursos e segundo a pedagoga outros dois serão encaminhados para avaliação psicopedagógica ainda este ano, ou seja, desses doze alunos, nove apresentam uma dificuldade muito acentuada de aprendizagem, necessitando de apoios especializados para que se desenvolvam e os outros três segundo as professoras, caminham mais lentamente em relação às outras crianças, necessitando frequentemente de apoio individualizado na realização das atividades escolares. Portanto, do total de alunos com pais dependentes, 75% tiveram influências sobre seu desempenho escolar com maior ou menor intensidade.

Segundo a Instrução n. 014/08 “A Classe Especial é uma sala de aula em escola de ensino regular, em espaço físico e modulação adequada, com professor especializado em Educação Especial que utiliza métodos, técnicas, procedimentos didáticos e recursos pedagógicos especializados e, quando necessário, equipamentos e materiais didáticos específicos, conforme ano/ciclo do ensino fundamental, visando o acesso ao currículo da base nacional comum”.

Para ingressar nessa classe, o aluno deve estar matriculado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e passar por avaliação psicoeducacional e complementada com avaliações de outros profissionais como neurologistas e psiquiatras e obter um laudo de Transtornos Globais de Desenvolvimento (Instrução n. 014/08 – SEED/SUED).

De acordo com a Instrução n. 016/11 “A Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I, na Educação Básica é um atendimento educacional especializado, de natureza pedagógica que complementa a escolarização de alunos que apresentam deficiência intelectual, deficiência física neuromotora, transtornos globais de desenvolvimento e transtornos funcionais específicos, matriculados na Rede pública de Ensino” (Instrução n. 016/11 – SEED/SUED).

O trabalho pedagógico realizado nessas salas ocorre de forma individualizada, onde o professor especializado trabalha com cada aluno especificamente nas suas dificuldades, com recursos pedagógicos adequados e cronogramas de atendimento, levando em consideração as necessidades de cada aluno.

Observando a documentação dos alunos que frequentam essas salas, nota-se que mesmo que na anamnese realizada com a mãe conste o histórico de dependência química tanto do pai quanto da mãe, isso não consta do laudo da psicóloga. Todos eles possuem o laudo geral de Transtorno Global de Desenvolvimento com a especificação de Deficiência Intelectual. A avaliação psicoeducacional se refere ao desenvolvimento motor e cognitivo da criança e o relatório da professora diz respeito aos aspectos sociais e de aprendizagens, por isso esses fatores são levados mais em consideração no laudo final.

Bahls e Ingbermann (2005) apontam que crianças privadas de experiências positivas e consistentes no contexto familiar são mais carentes em termos de experiências reforçadoras ao atingirem a idade escolar, o que pode influenciar no desempenho escolar das mesmas, no seu processo de socialização e no estabelecimento de vínculos fortes com instituições pró-sociais, como a escola, funcionando, portanto, como fatores de risco em relação ao uso de drogas na adolescência.

4. Considerações Finais

Analisando os resultados obtidos na pesquisa de campo, verifica-se uma relação de concordância com o que foi estudado na revisão bibliográfica, destacando que a probabilidade da influência negativa sobre as crianças é muito considerável, afetando seu desenvolvimento escolar de forma global.

Com esses resultados, pretende-se que seja feito um trabalho de discussão e conscientização de todos os professores para se encontrar caminhos e metodologias que melhor se adaptem às dificuldades dessas crianças, procurando desenvolvê-las da melhor forma possível, na tentativa de superar ou minimizar os problemas existentes no seu contexto familiar.

Também se faz necessário estabelecer contato com os demais órgãos do município e acionar o trabalho em rede: Secretaria de Saúde, Assistência Social e Conselho Tutelar, informando as condições e necessidades dessas famílias e a partir daí, visitar, encaminhar para tratamentos, dando apoio e direção, assegurando o direito da criança estabelecido no artigo 7º do ECA que enfatiza que toda criança e adolescente têm direito a proteção à vida e a saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. Também no artigo 53 é ressaltado o direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (Estatuto da Criança e do Adolescente – 1990).

A prevenção deve acontecer desde a Educação Infantil quando se descobre que a criança vive neste meio, garantindo seu desenvolvimento tanto dentro da Instituição de Ensino quanto o seu cuidado e proteção no lar em que reside.

Tanto a instituição quanto a escola devem estar atenta, acompanhar a criança e encaminhá-la aos profissionais especializados de acordo com suas necessidades, garantindo o cuidar e o educar e sua formação ampla e geral.

Entretanto, essa pesquisa não tem o intuito de comprovar resultados abrangentes, visto que foi realizada uma amostragem de um bairro específico de uma pequena cidade e que na literatura em geral há poucas pesquisas quantitativas sobre o referido tema.

Esperamos, com este artigo, despertar o interesse de pesquisadores, psicólogos e educadores, para a obtenção de dados mais concretos e realidades mais amplas que levem a resultados coesos e empíricos, embora as conclusões desse estudo correspondam ao que diz a literatura sobre os efeitos nocivos tanto da influência das drogas no desenvolvimento infantil quanto à ausência de responsabilidade familiar para com a criança.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Rudinalva; KOSSOBUDZKY, Luís André. **Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2002. Disponível em://www.ojs.c3s.ufpr.br. Acesso em: 13/07/14.

AMERICANA, Associação Psiquiátrica. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV)**. (D. Batista, trad.) 4º ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 2.000. (Original publicado em 1994).

BAHLS, F. R. C. & INGBERMANN, Y. K. **Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência**. Estudo de Psicologia. Campinas, 2005. P. 395-402.

BALTIERI, Danilo Antonio. **Pais dependentes químicos**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vyaestelar/paisdependentes_quimicos>. Acesso em: 15/01/2014.

BARRETO, A. P. **Terapia comunitária: passo a passo**. Fortaleza: LCR. 2008. Cap. 10. Pg. 293-304.

BRASIL. Lei 8069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. Cortez. São Paulo, 1990.

BIJOU, S. W. & BAER, D. M. **O desenvolvimento da criança: uma análise comportamental**. (R. Kerbauy Trad.). Editora EPU. São Paulo, 1980.

BLEFARI, Anete Lourdes. **A família e a drogadição**. 2002. Disponível em: <HTTP://www.scielosp.org>. Acesso em: 17/11/2013.

BUCHER, R. **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. Editora EPU. São Paulo, 1988.

CAMPOS, Shirley de. **Tratamento da família na dependência química**. Disponível em: <HTTP://www.antidrogas.com.br>. Acesso em: 10/12/2013.

CARVALHO, I. M. M. & ALMEIDA, P. H. **Família e proteção social**. Editora Perspec. 17. São Paulo, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIEGUEZ, C. **Receita para fugir do abismo**. Veja n. 2, 90-91. Jan. 2000.

DRUMMOND, M. C. C. FILHO, H. C. D. **Drogas, a busca de respostas**. Edições Loyola. São Paulo, 1988.

FILHO, Gabriel Manzano. **Drogas, como sair dessa**. In: Revista Galileu. Rio de Janeiro: Globo, 1999. P.46-54.

GALDURÓZ, J. C., NOTO, A. R. & CARLINI, E. A. **IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de Ensino Médio em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID, 1997.

GOKHALE, S. D. **A família desaparecerá?** In: Revista Debates Sociais n. 30, Ano XVI. Rio de Janeiro: CBSSIS, 1980.

GOMIDE, P. I. C. **Estilos parentais e comportamento antissocial**. Em A. Del Prette e Z. Del Prette (Orgs.). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção. Ed. Alínea. Campinas, 2003.

HALPERN, S. C. **O abuso de substâncias psicoativas: repercussões no sistema familiar**. Pens famílias 3: 120-5, 2002.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNICEF, 1988.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2008. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.

LEANDRA, Jaqueline. **Pais e filhos combatendo as drogas**. Jornal Agora/ABEAD (Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas). Disponível em: <HTTP://www.antidrogas.com.br>. Acesso em: 02/02/2014.

NICOLAS, Alexis. **Parental efeitos de abuso de drogas nas crianças**. Saúde das Famílias. Disponível em: <HTTP://www.shipibonation.orgreprodutivo>. Acesso em: 08/02/2014.

OMS. **CID 10**, 1993. *In*: GRANETTO, Walter Eduardo. Práticas educativas parentais em dependentes químicos. Dissertação de Mestrado. PUC, Campinas, 2008. Disponível em: <HTTP://wwwbibliotecadigital.puc-campinas.ed.br>. Acesso em: 03/03/2014.

PARANÁ. **Instrução n. 14/08**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação, 2008.

_____. **Instrução n. 016/11**. Secretaria de Estado d Educação. Superintendência da Educação, 2011.

SILVA, Ilma Ribeiro. **Alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas: tratamento, prevenção e educação**. São Paulo: Vetor, 2000.

SILVEIRA, Dartiu Xavier. **Um guia para a família**. Brasília: Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. 2001. P.7.

SODELLI, M. **Aproximando sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade** (Tese). São Paulo: Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, 2006.

ZILBERMAN, Mônica. **Dependência química**. Idmed: Bem-estar. Disponível em: <HTTP://www.prontuarioidmed.2009>. Acesso em: 15/03/2014.